

Filosofia e cultura

– uma unidade

Existe uma unidade inconsútil entre os estudos filosóficos e a atividade político-cultural de Manuel Maria Carrilho (MMC), agora posta em relevo com a edição deste *Pensar o Mundo*. Com efeito, a divisão dos dois volumes de 1600 pp. em quatro partes ordenadas cronologicamente, operando a republicação da totalidade dos livros editados ao longo de 30 anos, dá-nos a ver, de um modo único, que a atividade política e cultural do autor é, de facto, o prolongamento social, participativo, comunitário, da sua reflexão filosófica.

Neste sentido, após ter estabelecido as premissas teóricas de um novo perspetivismo filosófico em, por exemplo, *Jogos de Racionalidade* (1994) e *Aventuras de Interpretação* (1995), MMC aplica-as metódica e conclusivamente tanto como ministro quanto como cronista. As crónicas são, de facto, a perfeita demonstração de que a sua atividade política e cultural não navega(ou) à vista, ao sabor das contingências partidárias e das conjunturas sociais. Assim, subjacente a ela existe uma orientação filosófica sintetizada em dois pontos essenciais: 1)

A cultura, como a sociedade, consiste num mar encapelado de posições divergentes (o perspetivismo), cada uma com o seu grau e estatuto de legitimidade social e histórica; 2) O Estado tem o dever, sobretudo num país de poucos recursos, de imenso património histórico e imensamente iletrado, de intervir no universo cultural nacional, uma intervenção não impositiva, mas persuasiva e argumentativa, seguindo os pontos de vista (as perspetivas) estruturalmente mais consensuais e conjunturalmente mais necessários.

No “Prefácio”, Rui Alexandre Grácio estabelece o que será doravante o modelo de leitura da obra filosófica e cultural de MMC. Recuperando os estudos sobre a retórica e vinculando o racionalismo a uma expressa opção pelo pragmatismo, a sua obra dos últimos 20 anos do século XX concorreu com um novo contributo para o pensamento português. Pensador nitidamente influenciado pelo neopragmatismo americano, combina os princípios antiessencialistas desta corrente filosófica com o contributo da revivescência europeia pela retórica a partir dos estudos de Ch.

Perelman e M. Meyer. Acrescendo a consciencialização do pensamento problemático sobre o fim da modernidade trazido por J. Habermas nos anos 80.

No capítulo “O Perspetivismo” que escreveu para o *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* (1991), por si próprio dirigido, MMC une pragmatismo e perspetivismo numa frase que, de certo modo,



▶ MMC
PENSAR O MUNDO, VOL I

892 pp

VOL II

Grácio editor, 706 pp, 95,40 euros

pode ser estatuída como síntese do seu pensamento – “deve hoje retomar[-se] pragmaticamente o perspetivismo”; e, mais à frente, através do conceito de “problema”, tema desde sempre central nas suas reflexões, vincula a abertura hermenéutica da filosofia antiessencialista e antifundamentalista (isto é, antimetafísica clássica) dos anos 80 a um horizonte de “jogos de racionalidade”, que identifica a filosofia com: “um complexo dispositivo retórico [um “problema”] indissociável do uso da linguagem natural e circunscrito tanto pelo lastro da tradição [a “genealogia” do “problema”] como pela dinâmica da comunidade, isto é, pela historicidade e pelo contexto”.

Em *Aventuras da Interpretação*, MMC aclara com nitidez a sua perspetiva da ultrapassagem do essencialismo através de uma visão retórico/pragmática, postulando, em termos de aparelhagem conceptual, os três grandes conceitos metodológicos da sua análise filosófica: a “genealogia”, o “campo” e o “problema”. As posições filosóficas estruturam-se a partir de “problemas” e as científicas a partir de “soluções”; na filosofia há “respostas”, mas não há soluções, e estas respostas organizam-se genealógicamente, esboçando tradições e perspetivas e desenhando um “campo filosófico” que se diferencia radicalmente do campo

científico ou da “matriz científica”. Assim, a filosofia como que se centra numa “problematologia” perspetivada em torno de “dispositivos retóricos” e “argumentativos”, cujo “campo” de “respostas” corresponde pragmaticamente tanto a uma dessubstancialização desta e da sua história quanto a necessidades sociais e culturais decorrentes da “comunidade”, num forte vínculo substancial entre historicidade, filosofia, sociedade, o que numa palavra poderíamos designar por “cultura”, profusamente desenvolvida nos livros compiladores das crónicas.

Jogos de Racionalidade ostenta de um modo transparente a visão filosófica de MMC: 1. – “Problemas”, entendidos estes como nós históricos e atuais da filosofia (e da cultura); 2. – “Argumentações”, como modo retórico (não absoluto nem unicitário) de desbloquear ou deslaçar os nós dos problemas filosóficos; 3. – “racionalidades”, deslaçamento operado no âmbito de uma razão plural, ou, melhor, no âmbito de uma pluralidade de razões – o perspetivismo – vinculadas a um campo contextual comunitário – o neopragmatismo.

Se se lerem as crónicas de MMC com olhos de ver (os livros III e IV desta edição), tentando lobrugar a sua fundamentação filosófica, encontrar-se-á justamente esta aparelhagem conceptual: uma ênfase do perspetivismo suportado por um campo genealógico neopragmático. **JJ. MIGUEL REAL**